



AS EPÍSTOLAS COMO PRÁTICA DA SOCIABILIDADE EPICURISTA

Rebeca Figueira Martins¹
POSDEFIL-UFOP

RESUMO: Epicuro foi um filósofo do período helenístico, conhecido sobretudo por equiparar a vida feliz à vida prazerosa, representando um tipo de hedonismo muito específico. Em razão disso, a dimensão ética de sua filosofia é uma das mais estudadas, ao lado da fisiológica, que é a base desta primeira. Uma terceira dimensão está imbricada a estas duas, sendo igualmente necessária ao alcance da vida feliz: a comunitária. Nela, os princípios indispensáveis à obtenção da vida feliz segundo a doutrina foram disseminados e cultivados sob uma espécie de sociabilidade entre os amigos epicuristas, que surgiu e se sustentou através das viagens que Epicuro realizava a fim de visitá-los e da contínua troca de cartas entre eles. Esses dois pontos são importantes porque, alguns anos depois, essa sociabilidade filosófica se consolidou, dando início à comunidade do Jardim de Epicuro, um lugar que serviu de morada e de escola para os sábios, para que eles pudessem praticar a *pragmateía* (sistema) epicurista em sua máxima potência.

Palavras-chave

Epicuro; Jardim; sociabilidade; comunidade; epístolas; vida feliz

ABSTRACT: Epicurus was a philosopher of the Hellenistic period, famous for equating the happy life with the pleasant life, representing a very specific type of hedonism. For this reason, the ethical dimension of his philosophy is one of the most studied, alongside the physiological one, which is the basis of this first one. A third dimension is intertwined with these two, and is equally necessary to achieve a happy life: the community dimension. In it, the indispensable principles for obtaining a happy life according to the doctrine were disseminated and cultivated under a kind of sociability among epicurean friends, which emerged and was sustained through the trips that Epicurus made in order to visit them and sending letters between them. These two points are important because, a few years later, this philosophical sociability consolidated, starting the community of the Epicurus Garden, a place that served as a home and school for the wise men, so that they could practice the epicurean *pragmateía* (system) in its maximum power.

Keywords

Epicurus; Garden; sociability; community; epistles; happy life

¹ Doutoranda em Ética e Filosofia Política no Programa de Pós-graduação em Filosofia (POSDEFIL) da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), como bolsista CAPES. rebeca.martins@aluno.ufop.edu.br

Introdução

Diôgenes dizia que há dois tipos de exercícios: o espiritual e o físico. Na prática constante do exercício físico formam-se percepções que tornam mais expedita a prática da excelência. O exercício físico e o espiritual se integram e se completam. As condições físicas satisfatórias e o vigor são elementos fundamentais para a saúde da alma e do corpo. Aduzia provas para demonstrar que o exercício físico contribui para a conquista da excelência. Observava que tanto os artesãos humildes como os grandes artistas adquiriam habilidade notável graças ao exercício constante de sua arte, e que os flautistas e os atletas deviam sua superioridade a uma dedicação assídua e fatigante. E se estes transferissem seus esforços para o aprimoramento da alma, tais esforços não seriam inúteis nem destituídos de objetivo. Com efeito, nada na vida se pode obter sem exercício, e este é capaz de sobrepor-se a tudo. Eliminados então os esforços inúteis, o homem que escolhe os esforços requeridos pela natureza vive feliz².

É, pois, numa das primeiras escolas helenísticas, a cínica, que encontramos o uso do termo *áskesis* (exercício) em seu sentido antropológico³. Nesta citação, Diógenes, o cão, compara os exercícios físicos que garantem uma vida boa aos exercícios de “aprimoramento da alma”, ou, em outras palavras, ao exercício da filosofia. O termo usado por Epicuro, entretanto, é *enérgeia* (atividade, força de ação⁴), cuja acepção está na própria definição de *filosofia*: “[...] uma atividade que, mediante discursos e raciocínio, nos propicia a vida feliz (*makários zén*)”⁵. *Exercício, atividade* ou *modo de vida*, estas expressões tornaram-se uma das marcas das escolas do período helenístico em geral, que ficaram conhecidas por atribuir à filosofia um sentido prático, demandando uma série de exercícios por parte de seus adeptos⁶.

O presente artigo pretende analisar a dimensão comunitária da atividade filosófica em Epicuro, propondo uma abordagem dicotômica que compreende a sua realização a partir de dois grandes momentos, da (1) *sociabilidade filosófica* e da (2) *comunidade filosófica*, insistindo sobretudo no primeiro. Ele é marcado pelas visitas que Epicuro realizava às cidades de seus amigos e pelo início da troca de correspondências entre eles; e o segundo momento é

² DL, VI, 70-71; 2008, p. 170.

³ Cf. HADOT, 2014.

⁴ SILVA, 2018, p. 81.

⁵ SEXTO EMPÍRICO, 2012, XI. O alcance da vida feliz dependia do exercício do prazer, experimentado e entendido como ausência de dores no corpo (*aponía*) e ausência de perturbações na alma (*ataraxía*): o equilíbrio entre esses estados é a parte fundamental de uma vida prazerosa. Sobre os problemas de assumir tal equação, cf. GREENBLATT, 2012, p. 71.

⁶ Para Hadot, *filosofia* e *comunidade* sempre coexistiram: “[...] nunca houve filosofia nem filósofos fora de um grupo, de uma comunidade, em uma palavra, de uma ‘escola’ filosófica; e, precisamente, uma escola filosófica corresponde, nesse caso e antes de tudo, a uma maneira de viver, a uma escolha de vida, a uma opção existencial, que exige do indivíduo uma mudança total de vida, uma conversão de todo o ser, e, finalmente, a um desejo de ser e de viver de certa maneira” (HADOT, 1999, 18).

marcado pela consolidação da relação amistosa cultivada até então, através da compra coletiva do Jardim, um horto às margens de Atenas, que serviu de escola e casa para os epicuristas, por pelo menos 262 anos (306-44 a.C.). Vale ressaltar que por *sociabilidade* referimo-nos às mais diversas inter-relações que emergem da convivência entre os integrantes de um grupo que se associa e se reúne em torno de uma conveniência mútua (*ophéleia*⁷) — um mesmo sentido de *vida feliz* e de um *modo de vida* que garanta o seu alcance. Essa aproximação e a sua resultante “sociabilidade”, ressalta que o exercício da filosofia para o epicurista é um ato coletivo, tornando perfeitamente possível inferir que “a amizade funda uma comunidade livre, a sociedade de amigos, que é a base da escola do Jardim”⁸. De outro modo: a *sociabilidade filosófica* existiu enquanto base fundadora da *comunidade filosófica*, o Jardim.

Com essa abordagem, desejamos mostrar que, por um lado, Epicuro trabalhou constantemente em torno da sua *pragmateía* (sistema de ensino), a começar com as visitas e troca de cartas, pelas quais ele ensinou aos seus primeiros discípulos os pressupostos e as máximas necessárias para o sucesso de uma vida em conjunto (*koinonía*)⁹. Por outro lado, a consequente preocupação com o dia-a-dia dos seus discípulos e a sua articulação fez com que Epicuro não só identificasse, mas arranjasse e reunisse os elementos necessários à realização de uma vida feliz. Os hábitos daqueles que buscavam pelo epicurismo deveriam espelhar a ética proposta por esta filosofia, cujo resultado era nada mais nada menos que uma felicidade divina¹⁰. Consta na SV 33: “A voz da carne é não ter fome, não ter sede e não ter frio; pois quem tem essas coisas e espera haver de tê-las, lutaria pela felicidade até com Zeus”¹¹.

Foi pelas atividades de visitas e troca de cartas entre os amigos epicuristas que as concepções de Epicuro sobre a física, a ética e o cosmo¹² foram propagadas como um meio

⁷ “ὠφέλεια, *ophéleia* (s.f.)- 124; SV. 23 Conveniência mútua, benefício, utilidade. No pensamento de Epicuro este termo está relacionado à *philia* (amizade) (vide supra *φιλία*, nesta mesma parte) e pode ser traduzido em determinadas passagens por ‘conveniência mútua’. Por outro lado, pode ser traduzido por ‘utilidade’ no sentido de algo que deve ser buscado ou praticado com a finalidade de viver” (SILVA, 2018, p. 158).

⁸ GUAL, 2002, p. 220, trad. nossa; cf. PESSANHA, 1992, p. 5.

⁹ Sobre este ponto, afirma Silva: “A prática em conjunto da filosofia, seja na presença dos amigos ou à distância, através de cartas, permite que os indivíduos aprendam uns com os outros aquilo que é fruto do discernimento e que é conveniente à vida em comunidade. É preciso cultivar a amizade com os que nos são próximos, demonstrando gratidão pelo aprendizado e ensinando com prazer aquilo que interessa ao bem comum. É preciso também estar atento aos ensinamentos daqueles que têm mais experiência por terem vivido mais tempo” (SILVA; MURACHCO, 2021, p. 53).

¹⁰ Para o epicurismo, é possível conceber dois tipos de felicidade: “[...] uma, a maior possível, como a que existe para a divindade, que não pode ser aumentada; e a que admite acréscimo e subtração de prazeres” (DL, X, 121; EPICURO, 2019, p. 497), a humana — esta, como espelho daquela.

¹¹ EPICURO, 2021a, p. 90 e 91.

¹² Contidos, respectivamente, nas *Cartas a Heródoto, a Menecceu e a Pítocles* (cf. DL X, 35-83, 122-135, 84-116; EPICURO, 2021, p. 93-109, 85-90, 113-124).

para se atingir a vida feliz. Na medida em que esse grupo de estudiosos afinava e aproximava seus pensamentos, a amizade (*philia*) surgia como fruto da conveniência mútua¹³, antes mesmo da convivência entre eles se dar num espaço físico como o da comunidade do Jardim. O ensino de filosofia, em conformidade com a confiança, a doação e a responsabilidade que Epicuro possuía para com seus interlocutores, tornava a relação entre eles cada vez mais íntima e consolidada — o que significa que também por elas cultivavam-se afetos.

Desenvolvimento

Viajar era um tipo de atividade constante na vida de Epicuro, a começar pelo seu nascimento: ele nasceu em Samos¹⁴, mas as idas e vindas para Atenas foram inevitáveis, uma vez que seus pais eram colonos atenienses¹⁵. Por isso, depois da morte de Alexandre, em 323 a.C., ele saiu de Atenas para morar com o seu pai em Cólofon¹⁶. Assim, com cerca de 18 anos, o filósofo já tinha passado por pelo menos três grandes cidades gregas: Atenas, Samos e Cólofon. Nesta última cidade, Epicuro reuniu os seus primeiros discípulos, um grupo que crescia conforme ele realizava outras viagens, para cidades como Rodes, Mitilene e Lâmpsaco¹⁷ — nessas duas últimas, Epicuro tentou fundar escolas¹⁸.

Não por acaso, sobre os amigos-discípulos de Epicuro, diz Laércio: “[...] tão numerosos, que dificilmente podem ser contados em cidades inteiras”¹⁹. Originários de Lâmpsaco, destacamos Metrodoro, seu amigo mais caro e ilustre; Polieno, “homem moderado e amistoso”; Leonteu e sua companheira Temista, com os quais Epicuro trocava cartas;

¹³ SV 23: “Toda amizade é ela mesma excelência; ela teve início na utilidade (conveniência mútua)” (EPICURO, 2021a, p. 71).

¹⁴ Há uma discussão em torno do fato de ele ter nascido em Samos ou em Atenas, mas recentemente historiadores assentiram em relação a Samos, fazendo com que grande parte dos comentadores aderissem a tal: cf. CHAUI, 2010, p. 80; CLAY, 2011, p. 12; GREENBLATT, 2012, p. 53; LORENCINI; CARRATORE, 2002, p. 5; SILVA, 2018, p. 16.

¹⁵ Cf. DL, X, 1; EPICURO, 2019, p. 466.

¹⁶ Sobre Cólofon, afirma Gual: “Esta foi uma localidade ilustre na cultura grega, uma das sete cidades que disputaram a honra de ser o berço de Homero, e mais tarde a pátria do lírico Mimnermo e do filósofo Xenófanes, o poeta iluminado e monoteísta do século VI a.C. Epicuro viveu lá por cerca de dez anos, de 321 até 311” (GUAL, 2002, p. 37, trad. nossa).

¹⁷ Cf. DL, X, 10; EPICURO, 2019, 469; BRUN, 1959, p. 27-29.

¹⁸ Cf. DL, X, 15; EPICURO, 2019, p. 470. Sobre essas tentativas, explica Gual: “[...] mudou-se para Mitilene, na não tão distante ilha de Lesbos, igualmente famosa por seu prestígio cultural, onde talvez tenha aberto sua primeira escola de filosofia. Aparentemente, seu ensino lá encontrou hostilidade de outros rivais e despertou sérias dúvidas, então ele teve que deixar a cidade. Ele agora foi para Lampsacus, perto dos Dardanelos, onde filosofou entre um círculo de amigos e discípulos de 310 a 306” (GUAL, 2002, p. 37, trad. nossa; cf. LORENCINI; CARRATORE, 2002, p. 7-8; VARA, 2012, p. 10).

¹⁹ DL, X, 9; EPICURO, 2019, p. 268. Sobre os epicuristas citados, cf. DL, X, 5, 9, 15, 22-26; EPICURO, 2019, p. 467, 468, 470, 472-474; CLAY, 2011, p. 14; CHAUI, 2010, p. 81; DORANDI, 2011, p. 44-48; GUERRA, 2000, p. 39-40; LORENCINI; CARRATORE, 2002, p. 9; ROSKAM, 2007, p. 70-81.

Idomeneu, conhecido por divulgar suas doutrinas esotéricas e a quem o mestre escreveu uma carta antes de morrer; e Colotes. Em Alexandria, destacam-se os discípulos Ptolemeus, um negro e um branco; em Sídon, Zenão; em Tarsos, Diôgenes; em Estratoniceia, um outro Metrodoro; e na costa ocidental da Ásia Menor²⁰, em Cós ou Rodes, Carneisco. Por fim, de Mitilene, há Hermarco, a quem Epicuro legou todas as dependências do Jardim e todos os seus livros, nomeando-o como o seu sucessor²¹. Tal coisa é um dos fatores que levou Hermarco a ficar conhecido como um dos quatro “pais do Jardim”, ao lado de Metrodoro, Polieno e Epicuro²².

Observa-se, pois, que não eram os discípulos que iam até Epicuro: enquanto não fundava a comunidade do Jardim, era ele quem ia até os seus amigos para apresentar o seu sistema. O que significa que o epicurismo não era direcionado somente aos cidadãos atenienses, uma vez que visitar os seus amigos era um dos modos que Epicuro utilizava para disseminar a sua doutrina no seio de outras cidades gregas e de suas respectivas culturas. Além disso, por valorizar o *encontro com e a presença do amigo-epicurista*, as viagens também serviram como uma atividade importante para o cultivo do afeto e para a manutenção da amizade entre eles.

A troca de correspondências foi um outro modo de relacionamento, à distância, que esse grupo de filósofos aderiu, pois, também por consequência do retorno das visitas e da distância entre Epicuro e os seus amigos, ela se iniciou. Um fato mais importante que este é o de que todas as três *Cartas* que nos restaram nos revelam a existência de um tipo de relacionamento *magistral*²³ — de um mestre, que conhece e vive maximamente a doutrina, para um discípulo. Elas eram destinadas a alguém e, no caso das que nos restaram, aos epicuristas mais reconhecidos, porque o objetivo era obter desse alguém um tal tipo de comportamento. O que significa que nessas cartas encontram-se instruções que ditam um modo de vida e que, devido a sua eficácia, devem ser apreendidas, memorizadas e sobretudo praticadas²⁴. É verdade que, por detrás de todo discurso epicurista, já estava a doutrina

²⁰ Sobre a presença do epicurismo na Ásia Menor, na Síria, no Egito, na Itália etc, cf. GIESECKE, 2007, p. 93.

²¹ Cf. DL, X, 16-21; EPICURO, 2019, p. 471-472. Hermarco tinha uma obra chamada *Epístolas*, a qual Laércio provavelmente teve acesso e, através dela, conheceu a causa da morte de Epicuro (cf. DL, X, 15-16; EPICURO, 2019, p. 470).

²² Cf. LONGO AURICCHIO, 1978, p. 23-24 e 26-30; ROSKAM, 2007, p. 67.

²³ Cf. WOLFF, 2021, p. 247.

²⁴ Cf. REIS, 2020, p. 142; WOLFF, 2021, p. 248. Nesse ponto, Wolff a considera uma doutrina *conativa e dogmática*. O termo “dogma” aparece ao menos três vezes no *Livro X* de Laércio: (1) numa epígrafe da autoria de Epicuro, na qual ele pede para os seus discípulos “recordarem de seus dogmas (*dogmáton*)” (DL, X, 16; EPICURO, 2019, p. 470); (2) no título de uma de suas obras, traduzida por Pereira como “Epítome dos Dogmas Morais de Epicuro (*Epikoúrou ethikôn dogmáton*)” (DL, X, 118; EPICURO, 2019, p. 496); e (3) na série de condutas próprias do sábio: “[...] apresentará dogmas (*dogmatieîn*), mas não deixando dúvidas” (DL, X, 120;

epicurista: ela não é elaborada no decorrer; ao contrário, ela é a base de todo o discurso.

Arrighetti ordenou o discurso epicurista presente nos fragmentos de cartas e nas cartas escritas por Epicuro, tomando como critério o seu tipo de destinatário²⁵. Segundo ele, para cada tipo de destinatário há um tipo de epístola²⁶. As cartas que possuem (1) um destinatário são chamadas de *doutrinárias*, elas eram direcionadas aos membros mais avançados na doutrina (*kategemónis*) e, em razão disso, são compostas por uma linguagem científica e técnica. Tais missivas contêm “expressões de um sistema firmemente articulado”²⁷ e de demasiada precisão conceitual. As cartas destinadas a (2) um grupo, são chamadas de *ordinárias* ou *corais*, elas eram dirigidas às comunidades epicuristas ou aos círculos filosóficos do próprio Jardim, servindo excepcionalmente às práticas de leituras conjuntas, que estreitavam os laços e a convivência entre os sábios. Eram, portanto, destinadas a um público mais abrangente do que o primeiro tipo de carta: há, por exemplo, vestígios de cartas “para os amigos do Egito”, “para os amigos na Ásia” e “aos filósofos de Mitilene”²⁸. E as cartas que (3) não possuíam um destinatário, podiam ou não ter um caráter amplo. Um exemplo do primeiro caso é o *Testamento* de Epicuro²⁹, que faz referência a diferentes epicuristas e às dependências da comunidade do Jardim.

Parece-nos que, salvo o *Testamento*, as cartas que nos restaram porque foram preservadas por Laércio, fazem parte do grupo de cartas *ordinárias*. O doxógrafo descreve que “A primeira *Epístola*, dirigida a Heródoto, <trata [...] [da natureza]; a segunda, a Pítocles>,”

EPICURO, 2019, p. 496). Este fato pode justificar minimamente uma leitura como a de Wolff, mas, com a intenção de aproximar a ideia de “dogma” em Epicuro à ideia de *doutrina*, de um sistema pronto, citamos Lalande, que apresenta os significados de “dogma” e “dogmatismo” considerando os sentidos que ambos receberam ao longo do tempo. Ficaremos com o primeiro sentido atribuído a cada uma delas: *dogma* como uma “opinião filosófica admitida numa escola”; e *dogmatismo* como, “primitivamente, toda filosofia que afirma certas verdades e se opõe assim ao ceticismo. *Dógmata* e *dogmatikôs* são utilizados nesse sentido por Diógenes Laércio” (LALANDE, 1999, p. 273). Assim, acreditamos ser possível afastar o sentido religioso que fora atribuído ao termo “dogma” a partir do séc. I d.C., aproximando-o do sentido doutrinal, daquilo que representa uma filosofia disseminada e praticada por um grupo. É mesmo isto que faz Reis, ao usar do termo “dogma” como pertencente ao sentido de “meditação” em Epicuro (cf. REIS, 2021, p. 51).

²⁵ Cf. ARRIGHETTI, 1960.

²⁶ Sobre este ponto, comenta Giovacchini: “A carta é um gênero filosófico importante na Antiguidade: só raramente se trata de uma correspondência privada, uma vez que ela está destinada a circular, a ser lida e publicada por outros; mas o endereçamento a alguém próximo, amigo, discípulo, mentor, permite inscrever a relação filosófica em um horizonte de amizade, a *philia*, que desempenha um papel considerável no pensamento antigo (GIOVACCHINI, 2021, p. 41).

²⁷ FARRINGTON, 1968, p. 20, trad. nossa; cf. GUAL, 2002, p. 91-92.

²⁸ Cf. FARRINGTON, 1968, p. 122; GUAL, 2002, p. 157; TORRES, 2018, p. 52; VARA, 2012, p. 111. Sobre este tipo de carta, comenta Farrington: “As cartas que foram escritas às comunidades de ‘amigos’ em diversos países, e aí guardadas e circuladas, implicam, afinal, a existência dessas comunidades, que tiveram que ser fundadas; panfletos [...] foram escritos na Casa; e os divulgadores foram treinados no Jardim” (FARRINGTON, 1968, p. 125, trad. nossa).

²⁹ DL, X, 16-21; EPICURO, 2019, p. 471-472.

versa sobre os fenômenos celestes; [e] a terceira, a Meneceu, é acerca da vida”³⁰. Apesar de possuírem destinatários que eram, de fato, filósofos avançados na doutrina, todas elas possuem um resumo de diferentes dimensões do epicurismo, podendo, assim, serem lidas por neófitos, recém iniciados, a fim de cumprir o seu sentido mais profundo: o educacional. O epistolário epicurista estava a serviço de um projeto de ensino filosófico que consistia em (a) apresentar a doutrina e suas respectivas instruções a partir de uma visão de conjunto e (b) estimular a sua aprendizagem por meio do estudo grupal, coletivo.

Uma das ocorrências que comprova que o conteúdo da carta, apesar de direcionado a um epicurista avançado, também servia aos demais e, portanto, às leituras públicas, está no final da *Carta a Meneceu*, que versa sobre aquilo que se deve rejeitar (a dor) e sobre aquilo que se deve buscar (o prazer). Escreveu Epicuro: “Isso tudo e mais o que lhe seja conatural, medita por ti mesmo dia e noite e por quem é semelhante a ti”³¹. A meditação, isto é, a rememoração constante dos preceitos epicuristas é exortada enquanto uma atividade coletiva, e era Meneceu quem deveria aprender, gravar e praticar os princípios éticos da doutrina, ao mesmo tempo em que compartilhasse e ensinasse aos outros discípulos.

O estilo epistolar³², vale notar, foi adotado propositalmente por Epicuro, em razão da necessidade de adaptar o seu próprio modo de escrita. Diógenes diz que ele foi um autor polígrafo, com mais de trezentas obras extensas e sem citações³³; e Aristófanes fala de um estilo de escrita individualíssima³⁴. Os primeiros adeptos do epicurismo compreendiam e dominavam a leitura dessa escrita esotérica, mas a necessidade de ser objetivo e evitar ambiguidades na escrita e, conseqüentemente, na interpretação de outrem, preencheu a agenda de Epicuro. É por isso que o filósofo, nas *Cartas* que nos restaram, preza para que o seu modo de dizer as coisas esteja alinhado àquilo que as coisas realmente são. Raramente ele faz uso de metáforas ou de palavras polissêmicas, priorizando o que é essencial à sua doutrina, uma vez que, a seu ver, é a apreensão da essência do raciocínio que garante um domínio preciso e seguro

³⁰ DL, X, 29; EPICURO, 2019, p. 476.

³¹ DL, X, 135; EPICURO, 2021, p. 90.

³² Os resumos dos pensamentos de Epicuro são propriamente as *Cartas*, mas existem também os aforismas, que nos chegaram através das *Máximas Principais* (DL, X, 139-154; EPICURO, 2021, p. 127-132) e das *Sentenças Vaticanas* (EPICURO, 2021a), que são, nas palavras de Silva, “formas concisas de divulgação da sua filosofia”, uma “proposta epicúrea de um pensamento elementar (*stokhélon*) ou corpuscular” (SILVA, 2015, p. 248).

³³ As obras mais densas não chegaram até nós, salvo alguns fragmentos de livros da obra *Peri Phýseos*, que foram descobertos na Biblioteca de Herculano (cf. DORANDI, 2011, p. 43) e, mais recentemente, teve os seus fragmentos A (1-22) e Bb (1-70) traduzidos para o português (cf. REIS, 2020, p. 133).

³⁴ Cf. DL, X, 13, 26-28; EPICURO, 2019, p. 469-470, 474-475; CLAY, 1983, p. 57; 2011, p. 17-18; GIOVACCHINI, 2019, p. 41; GUAL, 2002, p. 55; GREENBLATT, 2012, p. 54-58. A título de curiosidade, Cícero, em *The Nature of the Gods* (I, 33, 93) elogia o “estilo [grego] ático puro” de Epicuro.

dos detalhes do próprio raciocínio³⁵. A escolha deliberada pelo discurso breve, ocorre pela compreensão de que tanto a explicação breve quanto a longa podem conduzir o interlocutor a um mesmo entendimento³⁶.

Pode-se dizer, portanto, que o epistolário vem a existir como um recurso secundário às suas obras, um resumo, simples e acessível, para favorecer os seus destinatários. A título de exemplo, citamos o início da *Carta de Epicuro a Heródoto*:

Para os que não podem, Heródoto, dar conta dos detalhes em meus escritos sobre a natureza, ou percorrer os livros mais longos que já compus, para estes preparei um breviário de toda doutrina, com o propósito de guarnecer a memória o suficiente com as opiniões mais importantes, a fim de que em todo e qualquer ocasião possam auxiliar a si mesmos nos pontos principais, tanto quanto se empenhem na teoria da natureza³⁷.

É explícito que a *Carta a Heródoto* existe enquanto um resumo do que está mais amplamente exposto em uma das obras perdidas de Epicuro, o *Peri Phýseos (Da Natureza)*, que contém todo o seu estudo fisiológico³⁸. Na *Carta*, ele o resume, desenvolvendo-o até o ponto em que o seu respectivo conhecimento se faz suficiente³⁹ para afastar as perturbações causadas por concepções falsas acerca da realidade. Essa qualidade aparece em outros dois momentos ao longo da carta: “[...] preparei esse tipo de breviário para ti: com os princípios

³⁵ Cf. DL, X, 68; EPICURO, 2021, p. 104.

³⁶ SV 26: “É preciso apreender que tanto o discurso longo quanto o breve tendem para o mesmo” (EPICURO, 2021a, p. 77).

³⁷ DL, X, 35; EPICURO, 2021, p. 93. Sobre a *Carta a Heródoto* e o modo como ela representa um período em que a escrita de Epicuro estava mais madura, cf. CLAY, 1983, p. 57; GUAL, 2002, p. 92; REIS, 2020, p. 158; SILVA, 2015, p. 255.

³⁸ Neste trabalho adotaremos a interpretação geral da filosofia epicurista proposta por Silva, segundo a qual o pensamento de Epicuro está disposto em dois domínios, o da *physiología* e o da ética (cf. SILVA, 2003). Esse tipo de leitura não é ortodoxa, isto é, não é convencional, uma vez que (1) a tradição compreende a filosofia de Epicuro dividida em três disciplinas: a Canônica, a Ética e a Física (DL, X, 29-30; EPICURO, 2019, p. 476); e que (2) antes de Silva, Spinelli propôs uma alternativa de interpretação que coloca a Canônica como superior à Ética e à Física (cf. SPINELLI, 2013). Os motivos que nos conduziram a adotar Silva em detrimento destas, está no fato de que para abordar a Ética em Epicuro é preciso abordar a sua Física: ambas estão didaticamente distinguidas pelo próprio Epicuro, mas, na prática, elas são inseparáveis; para que se viva feliz, é preciso estar em acordo com a sua própria natureza, portanto, ele precisa conhecê-la, investigar os seus padrões e adaptar-se a ela a fim de dirigir a sua vida prática.

³⁹ Os epicuristas, tal como os cínicos, são críticos profundos de uma filosofia puramente teórica. Eles estão mais preocupados com os atos das pessoas: as atitudes são extremamente importantes porque através delas podemos mensurar o quanto estamos ou não alinhados à teoria, ao discurso da doutrina. De modo geral, o período helenístico como um todo é marcado por isso, pela saída do âmbito teórico, lugar comum da filosofia clássica, para a preocupação direta com a prática — questiona Diógenes, o cão: “Por que vives, se não cuidas de viver bem?” (DL, VI, 65; LAËRTIOS, 2008, p. 168). E, do caráter “suficiente” da exposição de Epicuro sobre a *phýsis*, afirma Greenblatt: “Não era preciso ter uma compreensão detalhada das efetivas leis do universo físico, apenas compreender que há uma explicação natural oculta para tudo aquilo que causa assombro ou perplexidade” (GREENBLATT, 2012, p. 54).

elementares de todas as opiniões”; e, insiste: “[...] abreviados para ti os pontos capitais relativos à natureza do todo”⁴⁰.

Nota-se, também, que a escolha por delimitar a sua própria escrita é também uma escolha por delimitar o seu público. Quando Epicuro deixa de produzir somente tratados densos e longos, e começa a escrever de forma mais concisa e acessível, ele está moldando o seu estilo a fim de atrair cada vez mais adeptos. Os brevíários serviam a qualquer um que buscasse pela tranquilidade da alma como uma forma de alcançar a vida feliz, a qualquer um que precisasse deles, disposto a “seguir” as suas orientações. Dos diferentes e possíveis leitores, destacamos os (1) neófitos, a fim de iniciar na doutrina; os (2) indivíduos perturbados, que precisavam urgentemente de instruções; os (3) discípulos mais avançados, sob a intenção de rememorar a doutrina; e os (4) estrangeiros que, em razão da distância geográfica, não tinham acesso ao livro, mas que, pelo recurso pedagógico da carta, tinham acesso às epítomes dos livros, que continham a parte mais essencial das diferentes dimensões da filosofia epicurista.

Vale ressaltar que esses resumos favoreciam o aprendizado de seus discípulos, uma vez que a exposição feita sob concepções breves e objetivas era retida pela memória melhor e mais rápido do que no caso das concepções longas e subjetivas. Na medida em que os epicuristas memorizavam diferentes sentenças sobre um mesmo assunto, o resultado era a apreensão de um conjunto de ideias essenciais/elementos fundamentais para a doutrina que, uma vez fixadas, deveriam ser constantemente recuperadas e rememoradas através do hábito da meditação (*meléte*). A exortação à memória e à prática da meditação foram duas das grandes ferramentas do modo de ensino epicurista, ressaltadas em todas as três *Cartas* que nos restaram. Há pelo menos onze ocorrências do termo *mnéme* (memória)⁴¹ nos escritos de Epicuro e, em quase todas, o uso está atenuando a importância dos exercícios de memorização da doutrina para o alcance de uma vida feliz.

A título de exemplo, na *Carta a Pítocles*⁴², sobre os fenômenos celestes, Epicuro pede que ele detenha na memória o método das explicações múltiplas, para evitar o dogmatismo

⁴⁰ DL, X, 37 e 82; EPICURO, 2021, p. 94 e 109.

⁴¹ Cf. SILVA, 2015, p. 248; 2018, p. 89-90.

⁴² Sobre a *Carta a Pítocles* em comparação às demais, comenta Reis: “O estilo dessa carta difere daquele das demais em alguns aspectos — não é também tão refinada quanto a ‘Carta a Meneceu’ —; certas expressões típicas não são empregadas na abertura dos parágrafos e, por tudo isso, sua autenticidade foi posta em discussão. Como nos outros casos, contudo, trata-se claramente de um brevíário baseado em outro trabalho maior e pode-se estar convicto então de que, seja como for, tem origem em doutrinas genuinamente epicuristas” (REIS, 2021, p. 186). Acerca da discussão em torno da autenticidade da carta, cf. BOLLACK, 1978, p. 45-55.

nocivo⁴³, baseado em opiniões vazias e sem fundamentos⁴⁴. Em contraposição à simples crença, Pítocles deve confiar nas explicações recebidas, mas apenas no sentido de que elas irão introduzi-lo em uma dinâmica de descoberta e reconhecimento do que sejam o cosmo e a *phýsis*: “Põe na memória tudo isso, Pítocles; pois estarás liberto de muito mito e poderás conceber tudo o que é do mesmo gênero”⁴⁵. Assim, pois, Pítocles é instruído a apreciar, estudar e recordar, intensamente, todos os princípios acerca do cosmo, como se a aplicabilidade dos princípios fundamentais da doutrina dependesse diretamente do quanto cada sábio seria capaz de retê-los na memória, fazendo isso da melhor forma possível, pela maior quantidade de tempo possível; ou, como se a funcionalidade da doutrina dependesse, em primeira instância, do quanto ela estava presente na memória e, por consequência, incorporada nas atitudes do sábio, que não deveria parar de recuperá-las e rememorá-las, a fim de se manter na busca constante pela vida tranquila e feliz.

Com efeito, o caminho para atingir esse propósito, passa pela primeiríssima fase de aniquilar as opiniões vazias através do entendimento e da memorização do sistema epicurista. Isso porque é nele que se encontra um estudo acirrado da natureza (*phýsis*) e do modo como devemos nos comportar diante dela; além da garantia de que, uma vez memorizados, fixados e incorporados os conceitos-chave, o sábio jamais deixaria de ser um sábio. Assim, a memória funcionava sob dois aspectos: primeiro, como uma técnica de apreensão da doutrina; e, depois, como um recurso de manutenção⁴⁶ desta, uma vez que a doutrina podia ser constantemente rememorada pela meditação. Com este segundo recurso, o sábio não reagia às opiniões vazias e infundadas, pois, na medida em que ele cultivava na memória as explicações verdadeiramente acordadas à natureza, o seu pensamento, muito bem preenchido e atualizado, não poderia ser “invadido” por aquelas. Em outras palavras: se os temores da alma se davam pela ignorância

⁴³ O problema não é o dogmatismo, mas o tipo de concepção sob a qual o dogmatismo se estrutura. No caso das concepções falsas, deve-se rejeitar; no caso das concepções acordadas à natureza, cabe tornar-se dogmático: “[...] apresentará dogmas, mas não deixando dúvidas” (DL, X, 120; EPICURO, 2019, p. 496).

⁴⁴ “Opiniões vazias” ou *kenòn doxai* é um termo usado para se referir às ideias fantasiosas que a multidão cidadina aderiu ao longo do tempo, na tentativa de explicar alguns acontecimentos da vida considerados “obscuros”, como a morte ou a existência dos deuses. Essas explicações formam opiniões não atestadas, não checadas, não confirmadas pelo curso da natureza, e, por isso, são consideradas vãs; na maioria das vezes, são explicações que intensificam a “obscuridade” do assunto e perturbam a mente humana, pela falta de significados verdadeiros e atestados.

⁴⁵ DL, X, 116; EPICURO, 2021, p. 124.

⁴⁶ “Noutro sentido a memória é também fundamental no epicurismo: enquanto manutenção da sabedoria conquistada e da liberdade interior obtida. Essa manutenção depende do constante processo de reavivamento de lembranças: lembranças de lições, recordação de conversas, ou seja, manutenção de um fluxo permanente de palavras portadoras da verdade sobre a “natureza das coisas” e sustentadoras da vida sábia, imperturbável” (PESSANHA, 1992, p. 5).

FIGUEIRA MARTINS, Rebeca. *As Epístolas como prática da sociabilidade epicurista*

dos fenômenos, a memorização, a vivência e a meditação contínua da doutrina e — no caso da *Carta a Pítocles* — da explicação dos fenômenos celestes eram os antídotos que garantiam a imperturbabilidade da alma (*ataraxía*)⁴⁷.

No início da *Carta a Meneceu*, Epicuro promete ao seu leitor que ela resultará em um resumo para o alcance da vida feliz. Nela, há um estilo muito cuidadoso, da qual se sucede um breviário firme, uma espécie de “manual de emergência”⁴⁸ que sintetiza (1) os conselhos fundamentais acerca de quais crenças devemos preservar; (2) o modo como o sábio deve se comportar; e, conseqüentemente, (3) a forma pela qual os membros da comunidade do Jardim deveriam se relacionar com o exterior. E foi por ilustrar o conteúdo mais acessível do epicurismo, a sua ética e a vida cotidiana de sua comunidade⁴⁹, que esta tornou-se a carta mais popular de Epicuro.

Além disso, conforme a prática da troca de correspondências se estabelecia e se popularizava entre os epicuristas, outras características surgiam: uma delas está no fato de que os próprios discípulos solicitaram epítomes ao mestre, com a intenção, por exemplo, de elucidar alguns temas que ainda lhe causavam perturbações. Foi este o contexto da escrita da *Carta a Pítocles*, pois diz Epicuro:

[...] pedes também que te envie uma argumentação concisa e bem circunscrita sobre os eventos celestes, a fim de lembrá-la facilmente; pois de fato meus outros escritos são difíceis de memorizar, embora - como dizes - estejam sempre contigo. De minha parte, teu pedido é um prazer, e, ao atendê-lo conserva-se uma esperança prazerosa⁵⁰.

Uma outra característica também pode ser observada a partir desta carta, no momento em que Epicuro afirma que o resumo que pretende expor a Pítocles pode e deve ser lido junto ao que foi exposto no resumo da *Carta a Heródoto*⁵¹. Isso sugere que, juntas, essas cartas formavam um *compêndio* que reunia uma série dos principais temas da doutrina epicurista. Laércio, ao listar algumas obras de Epicuro, cita por último uma intitulada *Epístolas*⁵², que

⁴⁷ “O caminho que conduz à felicidade leva em conta o aniquilamento das perturbações causadas em nós pelas opiniões vazias, o que só é possível quando há a memorização dos princípios da *physiología*” (SALEM, 1982, p. 40).

⁴⁸ GUAL, 2002, p. 137.

⁴⁹ “Toda a arte de viver está ali contida” (REIS, 2020, p. 141).

⁵⁰ DL, X, 84; EPICURO, 2021, p. 113.

⁵¹ Diz Epicuro a Pítocles: “Apropria-te bem então disso e, tendo-o na memória, percorre-o com acuidade junto ao restante do que foi tratado no pequeno breviário enviado a Heródoto” (DL, X, 85; EPICURO, 2021, p. 113).

⁵² Cf. DL, X, 28-30; EPICURO, 2019, p. 474-475.

FIGUEIRA MARTINS, Rebeca. *As Epístolas como prática da sociabilidade epicurista*

parece ter sido este *compêndio* propriamente dito, resultado de um conjunto de diferentes brevíários que representavam a totalidade da doutrina.

Conclusão

Em razão do que foi exposto até aqui, é possível afirmar que a troca de cartas e as viagens são, aparentemente, simples detalhes biográficos, mas, uma vez bem analisados, revelam uma série de fundamentos filosóficos. Essas atividades foram responsáveis por divulgar e popularizar o pensamento epicurista, posto que facilitavam a aprendizagem dos elementos fundamentais da doutrina, fazendo-se primordiais em pelo menos dois aspectos, a saber, (1) elas eram os meios pelos quais os epicuristas cultivavam a amizade e realizavam a manutenção contínua da relação, através de uma comunicação constante, cujos pensamentos eram compartilhados e determinadas práticas eram incitadas; e (2) elas serviam como um manual de orientações, pois através das cartas se expunha todo um modo de vida, uma *pragmateía*. Esses elementos corroboram a nossa hipótese segundo a qual as *Cartas* de que dispomos via Laércio indicam a existência de um tipo de associação entre um grupo de pessoas que tinham interesses em comum e que desejavam aprender as linhas mestras de um sistema filosófico, correspondente a um determinado modo de ser. Assim, as viagens e a troca de cartas simbolizam o que há de mais primordial dentro da sociabilidade filosófica que existiu entre os epicuristas.

Epicuro parece ter julgado como muito importante o cultivo do contato constante e pessoal com os seus amigos, mantendo a todos sob tal sociabilidade, talvez por já perceber que se tornar um sábio envolvia algo que ia além de uma empresa particular e solitária de cada discípulo. Ora, se ele já reconhecia a importância da amizade e da dimensão comunitária pela experiência que tinha dos seus efeitos, o aprofundamento dessa empresa, com a fundação da comunidade do Jardim, pode ter sido um modo de aperfeiçoar esses aspectos que antes eram vividos num “Jardim metafórico” e ainda precário em relação ao que poderia vir a ser. Em outras palavras: o caminho para o alcance da vida feliz se dava sob o signo de um Jardim unicamente metafórico, que não dispendo de espaço geográfico, era, antes, a prática de uma sociabilidade entre sábios acordados à natureza e ancorados na sua adesão à *pragmateía* epicurista.

A partir de determinados dados biográficos podemos supor que foi aproximadamente em 323 a.C. que a sociabilidade filosófica entre os epicuristas se deu por iniciada⁵³ e que foi somente em 301 a.C.⁵⁴, quase 22 anos depois, que Epicuro, com a ajuda de seus amigos de Lâmpsaco e dos seus irmãos, fundou às margens de Atenas o que foi a primeira das centenas de comunidades epicuristas que existiriam dali para os séculos seguintes⁵⁵. A comunidade ficou conhecida como o “Jardim de Epicuro”, mesmo não sendo um Jardim de um homem só, mas um Jardim cultivado por um grupo de pessoas que viviam juntas e se *afinavam mutuamente*⁵⁶. Tratou-se, mais especificamente, da aquisição e fundação de um espaço onde os amigos que se relacionavam através daquilo que chamamos de sociabilidade epicurista poderiam morar e realizar as suas atividades filosóficas⁵⁷.

Por consequência do cenário que antecedeu a comunidade do Jardim, esta foi a morada e a escola de muitos estrangeiros⁵⁸. A maioria dos discípulos saíram de suas cidades, vizinhas de Atenas, para viver com Epicuro, e alguns dos que não foram para o Jardim fundaram suas próprias comunidades epicuristas em suas respectivas cidades; mas todos, incluindo os epicuristas do Jardim, mantiveram a troca de correspondências e as visitas esporádicas⁵⁹. Isso parece indicar que as especificidades da sociabilidade epicurista se mantiveram mesmo depois desta se consolidar com o surgimento da comunidade, da *koinonía* epicurista. Este modelo de comunicação transformou-se numa espécie de tradição epicúrea, que perdurou por anos⁶⁰, uma vez que a escrita epistolar se revelou um recurso capaz de se autoconservar, justamente pelo

⁵³ Cf. DL, X, 2; EPICURO, 2019, p. 466; DROYSEN, 2010, p. 504.

⁵⁴ Cf. DL, X, 15; EPICURO, 2019, p. 470.

⁵⁵ Vale ressaltar que, antes da fundação da comunidade do Jardim em Atenas, Epicuro teve algumas tentativas frustradas de fundar escolas em Mitilene e Lâmpsaco: chamamos o Jardim de “primeira escola epicurista” devido ao seu êxito, sobretudo se comparado ao curto período de existência das duas escolas supracitadas.

⁵⁶ SILVA, 2003, p. 21.

⁵⁷ Cf. GIOVACCHINI, 2019, p. 48. Sobre a sociabilidade entre os epicuristas e a semelhança existente entre os seus membros, isto é, a conveniência mútua que existia entre eles, afirma Méndez: “O sábio epicurista é um consigo mesmo (ele se reconhece como fim de suas ações) porque em suas relações com o mundo não admite o diferente, mas apenas semelhantes; seu julgamento consiste, em última análise, em um pensar-se a si mesmo que na sociedade de amigos se verá refletido no amigo, e no amigo se reconhecerá e apreciará o amigo como semelhante” (MÉNDEZ, 2003, p. 159, trad. nossa).

⁵⁸ A própria família de Epicuro, servos e algumas mulheres e crianças também viveram e estudaram no Jardim, cf. DL, X, 5; EPICURO, 2019, p. 467.

⁵⁹ Cf. CLAY, 2011, p. 16); GIOVACCHINI, 2019, p. 28.

⁶⁰ Sobre esta tradição, afirma Silva: “é importante notar que quase três séculos depois da morte de Epicuro, Filodemo e outros epicuristas que frequentavam a Vila dos Papiros, em Herculano no sul da Itália, continuaram a escrever cartas para outros epicuristas de diversos lugares, divulgando as palavras de Epicuro e transmitindo as orientações presentes nas Cartas, Máximas e Sentenças, além da vasta obra ainda preservada naquela época.” (SILVA, 2015, p. 257).

FIGUEIRA MARTINS, Rebeca. *As Epístolas como prática da sociabilidade epicurista*

simples fato de a troca de correspondências realizar-se entre uma pessoa e outra: conforme essa relação se mantinha e se expandia, uma rede epistolográfica *encíclica*⁶¹ era tecida.

Referências Bibliográficas

ARRIGHETTI, G. *Epicuro Opere*. Torino: Giulio Einaudi, 1960.

BRUN, J. *L'Épicurisme*. Paris: P.U.F., 1959.

BOLLACK, J; LAKS, A. *Épicure à Pythoclés. Sur la cosmologie et les problèmes météorologiques*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1978.

CHAUÍ, M. *Introdução à história da filosofia: as escolas helenísticas*. Volume II. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CLAY, D. *O Epicurismo: escola e tradição*. In: GIGANDET, A.; MOREL, P-M (Orgs). *Ler Epicuro e os epicuristas*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

DORANDI, T. "O Corpus Epicurista". In: GIGANDET, A.; MOREL, P-M (Orgs). *Ler Epicuro e os epicuristas*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

DROYSEN, J. G. *Alexandre o Grande*. Trad. Regina Shöpke e Mauro Baladi. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

EPICURO. *Diógenes Laércio, livro X: Epicuro - Notas Preliminares e Tradução*. Trad. Reina Pereira. LaborHistórico, Rio de Janeiro, 5 (2): 443-511, jul. | dez. 2019.

_____. *Cartas & Máximas principais: "Como um deus entre os homens"*. Trad., apresentação e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis; Intro. de Tim O'Keefe. São Paulo: Penguin-Companhia, 2021.

_____. *As sentenças de Epicuro*. Trad. e comentários de Markus Figueira da Silva e Henrique Murachco; Prefácio de José Trindade Santos. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2021a.

FARRINGTON, B. *A doutrina de Epicuro*. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

GIESECKE, A. L. *The Epic City: urbanism, utopia and the garden in ancient Greece and Rome*. Washington, D.C.: Center for Hellenic Studies/Trustees for Harvard University, 2007.

GIOVACCHINI, J. *Epicuro*. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2019.

GREENBLATT, S. *A virada: o nascimento do mundo moderno*. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

⁶¹ Este termo aparece em Clay, segundo ele: "As 'cartas a', endereçadas a um indivíduo, eram 'encíclicas' e constituíam um meio de manter a coesão dos amigos-filósofos" (CLAY, 2011, p. 16).

FIGUEIRA MARTINS, Rebeca. *As Epístolas como prática da sociabilidade epicurista*

- GUAL, C. *Epicuro*. Madrid: Alianza Editorial, 2002.
- GUERRA, A. *La Scuola di Epicuro: Metrodoro-Poliemo-Ermarco*. Cerc 30, 2000.
- HADOT, P. *O que é a filosofia antiga?* Trad. Dion Davi Macedo. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- _____. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Trad. Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- LAËRTIOS, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: UNB, 2008.
- LALANDE, A. *Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LONGO AURICCHIO, F. *La scuola di Epicuro*. In: CERC 8, 1978, pp. 21–37.
- LORENCINI, Á.; CARRATORE, E. D-. “Introdução”. In: EPICURO. *Carta sobre a felicidade: (a Meneceu)*. Trad. e apresentação de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002.
- MÉNDEZ, I. *La doctrina política y jurídica de Epicuro*. Res publica, 11-12, p. 143-172. 2003.
- PESSANHA, J. A. “As delícias do Jardim”. In: NOVAES, A. (Org.). *Ética*. São Paulo: Companhia de Letras, 1992.
- PLATÃO. *A República*. Intro., trad. e notas Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- REIS, M. C. “Apresentação”. In: EPICURO. *Cartas & Máximas principais: “Como um deus entre os homens”*. Trad., apresentação e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis; Intro. de Tim O’Keefe. São Paulo: Penguin-Companhia, 2021.
- ROSKAM, G. *Live Unnoticed: On the Vicissitudes of an Epicurean Doctrine*. USA: Brill, 2007.
- SALEM, J. *Épicure, Lettres*. Paris: Ferdinan Nathan, 1982.
- SEXTO EMPÍRICO. *Contra los dogmáticos*. Trad. Jorge Bergua Caveró. Madrid: Editorial Gredos, 2012.
- SILVA, M. *Epicuro: Sabedoria e Jardim*. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Natal, RN: UFRN, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2003.
- _____. *Sobre o Estilo Epistolar e Aforismático de Epicuro*. Revista Kléos, 2015.
- _____. *Termos Filosóficos de Epicuro*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.
- SILVA, M; MURACHCO, H. “Tradução e comentários”. In: *As sentenças de Epicuro*. Trad. e comentários de Markus Figueira da Silva e Henrique Murachco; Prefácio de José Trindade Santos. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2021.

FIGUEIRA MARTINS, Rebeca. *As Epístolas como prática da sociabilidade epicurista*

SPINELLI, M. *Epicuro e as bases do epicurismo*. São Paulo: Paulus, 2013.

TORRES, S. *Epicuro, epicúreos y el epicureísmo en Roma*. Madrid: Libreria UNED, 2018.